

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPFCL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

VIII ENCONTRO DA

ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO - EPFCL

2 DE MAIO DE 2024

Maison de la Chimie
PARIS - FRANCE

SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA

Abertura N°5

TERESA TRIAS -EPFCL Espanha (FOE Barcelone)

As sombras do saber

Em seu seminário "L'Insu..." Lacan nos fala do passe como "reconhecer-se entre sombras" ("se reconnaître entre soir") sob a condição de inserir "av" ("se reconnaître entre s(av)oír") "reconhecer-se entre saber"(1)

As sombras do saber. A transmissão através dos testemunhos. A dificuldade da transmissão está patente. O que esperamos do passe?

"[...] em que consiste o inconsciente, de ser um saber que se articula com *lalíngua*, o corpo que fala só sendo enodado nela pelo Real de que ele se goza."(2) Substância gozante? Lalíngua? Saber no real: saber que não se sabe, mas se goza? Saber que não se sabe que se sabe?

Horror do saber do gozo particular que está ali desde sempre para poder decifra-lo. Até onde se pode decifrar o horror do saber? Até ser um desfecho?

No passe: paradoxo para o testemunho onde os passantes e passadores são sujeitos que devem despojar-se de sua sujeição para poder escutar e transmitir ao cartel do passe a hystoricização do passante. O desejo do analista, desejo inédito, está ali, à espera de poder ser transmitido se se deu o ato analítico, se se deu a passagem de analisante a analista.

Tradução: Glauca Nagem

(1) J. Lacan, seminário 24 “L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre”. Inédito. Aula do dia 15 de fevereiro de 1977. Lacan joga com a língua francesa escrevendo: “se reconaître entre s(av)oir”. Em outras línguas esse jogo se perde. Ele escreve “soir” (noite, escuro) e coloca (av) que transforma a palavra em “savoir” (saber). Há que se entender na língua francesa, pois a tradução perde o que se quer dizer.

(2) J. Lacan, A terceira. In: textos complementares. Versão de circulação interna do FCL-SP. 2022. p. 53.

oooo

SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA

apresentação

Este VIII Encontro da Escola da EPFCL coloca uma vez mais à intensão da psicanálise em questão. Quer dizer que ela interrogará novamente isso que, em uma psicanálise, “faz” um psicanalista: ou seja, a passagem do analisante ao analista. A intensão da psicanálise, que determina a extensão que a Escola e seus Fóruns têm precisamente a intenção de sustentar aqui e lá, é a subversão do laço donde se produz “do psicanalista”.

Impredicável, digamos, não obstante Lacan, depois de ter especificado como o desejo do psicanalista para extrair ali o ato que depende disso, finalmente propôs um matema que escreve sua operação própria: o Discurso do Psicanalista. O produto contingente desse laço inédito pode ser “do psicanalista”, e assim sucessivamente...

“Para que a psicanálise... volte a ser... um ato ainda por vir”^[1], contamos com uma operação que sustente a lógica e com a chance que resultem uns operadores à altura da ética que exige dessa lógica.

O Colégio Internacional da Garantia da EPFCL, o CIG 2023-2024, como todos os que o precederam, sustenta o dispositivo do passe e a experiência viva que emana disso. Cada passe é recebido com a maior consideração com respeito ao que constitui as transformações da travessia das análises aqui e lá, porém o que orienta os Cartéis é, desde já, uma atenção particular ao que pode nos testemunhos denotar “o passo à analista”.

Este ponto foi precisamente posto em questão nos últimos Encontros da Escola em Buenos Aires pela iniciativa do CIG precedente. Nós a retomamos e a propomos, indicando de entrada no enunciado do título uma afirmação: a passagem à analista que pode procurar uma análise produz uma transformação radical na relação ao saber, quer dizer, ao inconsciente.

Portanto: SABER E IGNORÂNCIA NA PASSAGEM À ANALISTA.

A psicanálise é uma experiência de saber, é o que a constitui como “didática”. Esta experiência de saber começa por “algo” que escapa completamente àquele que sofre; ele não sabe nada sobre isso, porém, por sorte, pode encontrar um bom escutador que *saberá fazer* questionamento dessa ignorância e a fará falar. Essa experiência de palavra, “a

prática do blábláblá” dirigida ao analista, transportará o “não quero saber nada disso” inicial no percurso inesgotável da suposição de um saber sobre esse sujeito à deriva, no que Freud nomeava “suas representações”, e que Lacan qualificará de elucubrações. A transferência, esse “amor que se dirige ao saber”^[2], incansável decifradora, é o vetor da “prática do sentido” que deverá encontrar seu fim: o insabido que sabe de uma equivocação. Em resposta ao impasse do Sujeito Suposto Saber, pode se produzir um passo ao analista.

Com a transferência como suporte, a doucta ignorância analítica é uma tensão para o saber. Há, portanto, um percurso, uma travessia do que o que está posto em jogo é o fim da análise, ou seja, uma profunda modificação da relação ao saber e ao gozo que ele cifra, pelo feito da operação “do analista”, quer dizer, a posição do inconsciente: instauração do saber “no lugar da verdade”.

Essa travessia, Lacan a nomeou “Passe”. Passe de mágica, passagem sutil do saber do psicanalisante ao saber do psicanalista. O saber do psicanalisante se orienta de entrada com o Sujeito Suposto Saber; o ato do psicanalista, ao invés da neurose, favorecerá a topada sobre um impasse até que eventualmente possa sustentar esse saber insabido sem o recurso das representações, das elucubrações, das ficções da verdade mentirosa que vetorizavam sua direção ao Outro.

Esse saber causa horror porque, ao invés do saber suposto, não tem garantia no Outro.

“Horror de saber”^[3], diz Lacan, para sublinhar o que está posto em jogo nessa passagem porque o saber se revela conectado a um gozo que não faz proporção, e, no entanto, conduz a “afrontar-se ao impasse sexual”, seja à castração e ao gozo contíguo. Desmontando as teorias sexuais que a neurose elaborava minuciosamente e confinava nos limites do fantasma, esse saber não-sabido remete àquele que fez esse percurso em sua solitude, Troumatisme^[4], que Lacan pode escrever: Há do Um.

O que sobra então de nossos amores transferenciais e de seu desejo do saber? Um desejo de saber pode se desprender disso e transmitir os efeitos (afetos) de um saber insabido.

Com efeito, se “os analistas são os sábios de um saber acerca do qual não podem conversar”^[5], eles podem fazer uso disso, colocá-lo em ato e fazê-lo conhecer mais além.

Desejamos que os AMEs e os passadores que eles designam estejam atentos ao inesperado e ao inaudível dos efeitos desse saber não-sabido...

Do lado dos cartéis do passe... contemos com a sabedoria de sua ignorância.

A Escola, a Escola, sempre recomeçada ... para que haja chance de analista.